

As origens da vontade de verdade em Foucault

Gláucia Silva do Nascimento

Mestra em Filosofia [UFSCar]

Professora de Filosofia [IFBA]

Bolsista CNPq

glau_cia.s@hotmail.com

Resumo: O texto que apresentamos propõe uma interpretação do conceito de vontade de verdade em Foucault, notadamente nos escritos do início da década de 1970. No percurso de leituras que empreendemos, destacamos com Foucault as distintas facetas da vontade de verdade. Ela transmuta-se em diferentes momentos históricos e perpassa diversas produções de saberes. No primeiro momento de nossa exposição, indicamos uma origem histórica da vontade de verdade, localizada em Platão, quando ele opera a separação entre o discurso verdadeiro e o falso, e, nesse movimento, desloca o uso da verdade. Realiza ainda uma mudança de função do uso do discurso, que com os Sofistas implicava em ser um exercício de poder; com Platão, o discurso passa a ser um lugar de memória. Nos momentos seguintes do texto, tratamos das formas da vontade de verdade em seus desdobramentos históricos, com a exposição pontual dos elementos extraídos da narrativa de *Édipo* que compõem outras origens da vontade de verdade, a partir dessa narrativa percebemos que o objeto a ser buscado é a verdade, vinculada à pureza e destituída de poder. O último movimento de nossa exposição concentra-se na demonstração que Foucault faz a partir dos textos de Nietzsche, primeiro ele destaca o elemento da violência como aquele propõe o fortalecimento da relação entre vontade e verdade na filosofia. Em seguida, circunscreve questões políticas da vontade de verdade em Nietzsche por meio da sua política da verdade.

Palavras-chave: Foucault; verdade; saber; vontade.

A escrita que propomos nas linhas que seguem visa apontar indícios da origem histórica da vontade de verdade, localizada por Foucault em Platão, a partir do momento em que ele realiza a separação entre o discurso verdadeiro e o falso, e, nesse movimento, desloca o *uso* da verdade. A vontade de verdade surge nos escritos de Foucault (2014, p. 178), como um momento constituinte da construção de uma “morfologia da vontade de saber”, que ele empreende no curso de 1970-1971, o *Aulas sobre a vontade de saber*.

Para tanto ele percorre momentos da filosofia, momentos históricos de tensões e transições sociais da Grécia e problematiza a formação de saberes, por meio de exemplos oriundos das práticas judiciais. Nestas ele localiza uma vontade de saber “anônima, polimorfa” que faz emergir uma vontade de verdade; vontade que *busca* a verdade. Esses elementos compõem o segundo momento de nossa exposição.

Se pudéssemos eleger uma palavra que melhor definisse as investigações empreendidas por Foucault, em torno da vontade de verdade e seus desdobramentos históricos, seria *deslocamento*. Foi a partir de vários deslocamentos que a vontade de verdade emergiu, solidificou-se enquanto um sistema de exclusão; transformando-se continuamente, e de maneira camuflada perdurou com o passar dos tempos.

Nossa escrita se encerra acenando para alguns dos elementos, que segundo Foucault, compõem a política da verdade em Nietzsche. A partir dos escritos do filósofo alemão, Foucault identifica um novo elemento que liga vontade e verdade na filosofia, que é a violência.

1. A origem histórica da vontade de verdade

Partindo do princípio de que a origem histórica de algum objeto possível, por exemplo, conhecimento, poesia, religião, ideal, verdade não é atemporal, imutável como quer a *Ursprung* [origem] para os filósofos ou cientistas, Foucault nos apresenta a *Erfindung* [invenção] desses objetos. Assim, desenvolveremos a origem, a partir da *Erfindung*, da vontade de verdade. *Erfindung* significa invenção, e situar algo como uma invenção implica compreender os caminhos dos surgimentos e exclusões dos objetos possíveis através de sucessivas mudanças, levando em consideração a importância da *ruptura* entre as coisas e o momento histórico de suas aparições (FOUCAULT, 2002, p. 15).

Há uma decisão política aí, na adoção da *Erfindung* em detrimento da *Ursprung* por Foucault. Pois, situar as coisas a partir desta última nos impede de fazer a crítica a elas, uma vez que, sempre que se busca a origem de algo, por vias da *Ursprung*, somos levados a situar essa coisa, esse algo, “antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo”, depositando-o numa metafísica, ao “lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia” (FOUCAULT, 1999, p. 18). Foucault deseja quebrar essa forma constitutiva da análise dos objetos.

Assim, situa-se historicamente o surgimento da vontade de verdade, entre os séculos VI e V a.C, a partir das figuras de “Hesíodo e Platão” (FOUCAULT, 1996, p. 14). A vontade de verdade surge, então, como *separação* operada na *forma* como o discurso verdadeiro é dito.

Ainda nos poetas gregos do sec. VI, o discurso verdadeiro possuía uma série de características próprias que em última instância estava ligado ao exercício do poder.

O discurso verdadeiro — no sentido forte e valorizado do termo —, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual a sua parte. (FOUCAULT, 1996, p. 15)

Eis que, no sec. V, “a verdade a mais elevada já não residia mais no que *era* o discurso, ou no que ele *fazia*, mas residia no que ele *dizia*: chegou um dia em que a verdade se *deslocou* do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação à sua referência” (FOUCAULT, 1996, p. 15). Essa é a principal transição destacada por Foucault de Hesíodo a Platão.

Deslocar a verdade do ato de sua enunciação para o próprio enunciado permite fazer com que ela — a verdade — se torne elemento passível de ser possuído por quem a profere. Sábios, filósofos, homens de piedade, eis alguns dos exemplos de detentores de enunciados da verdade, indicados por Foucault (1999, p. 19) em nossa sociedade.

Esse deslocamento permite ainda, selecionar aqueles que podem enunciar a verdade, que estão qualificados para tal, os puros, os ascetas. Essa oposição verdadeiro/falso, essa composição, segundo Foucault, rege a nossa vontade de saber desde então (FOUCAULT, 1996, p. 14).

O discurso que enunciava o verdadeiro como um exercício de poder, e agora diz a verdade, traz outro movimento, a exclusão do sofista. Para tornar o saber sofisticado aquém da filosofia, foi preciso interpor de maneira progressiva um conjunto de fenômenos interligados, que levaram o saber sofisticado a ser preterido da filosofia. Esses fenômenos, segundo Foucault, são: a materialidade do discurso; o surgimento da apofântica; a soberania da relação significado-significante na construção dos discursos. De maneira processual, o discurso passa a ser um local de memória e não de exercício do poder.

2. Vontade que busca a verdade, o exemplo de Édipo

Apresentamos até o momento a vontade de verdade na forma de separação e oposição entre discurso verdadeiro e falso. Exporemos, neste momento, outra forma de aparição da vontade de verdade que identificamos em Foucault, a partir da narrativa de *Édipo-Rei*. O funcionamento desta peça, que é também uma prática jurídica, norteia-se pela busca da verdade.

Consideramos que a busca pela verdade é uma das formas de aparição da vontade de verdade em Foucault. Chegamos a essa constatação a partir dos apontamentos presentes nos textos: *A ordem do discurso*; *A verdade e as formas jurídicas*, e em *Aulas sobre a vontade de saber*.

No desenrolar da tragédia edípiana houve “táticas empregadas” que permitiram o alcance da verdade; o “jogo de busca da verdade” é o destaque que Foucault enfatiza ao lado da lei das metades e a composição do inquérito em sua análise da vontade de verdade que se constrói ao longo da narrativa edípiana. Esses elementos permitiram construir técnicas e definir domínios de objetos para os quais a vontade de verdade “se dirigiu” (FOUCAULT, 1996, p. 16).

São características da vontade de verdade a longevidade e a obscuridade. Foucault assinala que ela “atravessou muitos séculos de nossa história” (FOUCAULT, 1996, p. 14). Se atravessou, é porque teve a capacidade de se adaptar às mudanças de cada época. Tal atravessamento se deveu, principalmente, às “formas” que teve de “pôr em jogo” (FOUCAULT, 1996, p. 16), por mais que “a verdade em si mesma” ou sua busca “se aplique aos discursos segundo critérios necessários, constantes, eternos, epistêmicos, as diversas formas da vontade de verdade são instituídas, variáveis, históricas e políticas” (WOLFF, 1999, p. 424)¹.

A longevidade e a obscuridade da vontade de verdade ocorrem, ainda, porque ela se “apoia” sobre um “suporte institucional”, desse âmbito, “um conjunto de práticas movimentarão o saber e sua aplicação em nossa sociedade” (FOUCAULT, 2014, p. 17). A partir da narrativa de *Édipo*, a “verdade passa a fazer parte dos grandes rituais jurídicos, religiosos, morais exigidos pela cidade”, e o fato de precisar da “verdade como princípio de separação”, de precisar dos “discursos de verdade como sendo os que mantêm as separações”, norteará os rumos da cidade (FOUCAULT, 2014, p. 168).

Considerando o que expomos ao longo desta seção, podemos elencar para fins de organizar o pensamento desenvolvido os seguintes elementos que a narrativa de Édipo nos legou. Temos os *elementos políticos* localizados por Foucault dentro da tragédia edípiana que testemunham mudanças que funcionarão como um duplo; ora atestando resquícios de mecanismos jurídico-sociais presentes na Grécia arcaica como a “lei das metades” (FOUCAULT, 2002, p. 34), por exemplo, cujos ajustes e os encaixes simbólicos ou materiais permitem o estabelecimento da verdade, ora abrindo caminhos para novas formas de colher, ora localizando a verdade, desligando-a, ao mesmo tempo, do poder em sua dimensão política, algo mais próximo da Grécia Clássica; temos ainda, a oposição entre as categorias de “puro” e “impuro”, ambas “efeitos” de uma prática que vinculam a pureza à verdade (FOUCAULT, 2014, p. 163).

Dessa constatação Foucault (2014, p. 167) identifica que “os efeitos da impureza montam prontamente as armadilhas do saber”, de modo que, o que vai ligar saber e poder será o elemento da pureza. A “impureza”, por sua vez, “oculta o saber e a expulsa do poder” (FOUCAULT, 2014, p. 172). Esse último movimento vemos acontecer no desfecho de *Édipo*.

3. A política da verdade em Nietzsche, segundo Foucault

Na “Aula sobre Nietzsche” presente no contexto de *Aulas sobre a vontade de saber*, Foucault faz uma crítica à vontade de verdade, referente ao modo como ambos os conceitos se ligaram

¹ Vale observar que consultamos, para este trabalho, a tradução realizada por Livia Francisco Arantes de Souza, pesquisadora em Filosofia. Doravante as citações que fizemos baseiam-se na sua tradução ainda não publicada, mas em vias de publicação.

historicamente. Diríamos que esse movimento caracteriza o momento em que a *vontade* passou a ser *de verdade* na história da filosofia, identificando um deslocamento, proposto por Nietzsche nessa equação.

É importante marcar que na trama que se desenvolve entre verdade e vontade há certo grau de independência entre ambas, a verdade “não recebe” da vontade “nenhuma determinação”, e a vontade, por sua vez, “deve ser livre para poder dar acesso à verdade” (FOUCAULT, 2014, p. 194).

Para Nietzsche, “a articulação” da verdade com a vontade é regida pela “violência”. A “verdade só está no elemento da vontade a partir de suas características singulares e de suas mais precisas determinações, e em forma de coerção e de dominação” (FOUCAULT, 2014, p. 194). Só a partir desse “jogo da verdade” ou do “sistema verdadeiro e falso” (outra forma de falar da verdade em Foucault), em meio à “rede de coerções e dominações”, em que a verdade faz parte, será possível visualizar o seu rosto que é o da violência (FOUCAULT, 2014, p. 6).

Por meio dos textos de Nietzsche, uma “política da verdade” é identificada por Foucault. Neles são reunidos “certo número de elementos que põem a nossa disposição um modelo para uma análise histórica” dessa política (FOUCAULT, 2002, p. 23). É possível localizar em Nietzsche, segundo Wolff (1999, p. 424), triplas “questões políticas da verdade” que apontam, por sua vez, para as “diversas formas da vontade de verdade”. São elas: 1. “quem quer o verdadeiro e quem pode dizê-lo? 2. A propósito do que nós devemos dizer o verdadeiro? 3. Em vista de que nós o queremos?”

Assim, a partir dessas questões políticas da verdade, Foucault mostra com Nietzsche como podemos restituir a ligação, outrora quebrada, entre poder político e saber.

Considerações finais

A vontade de verdade em Foucault, tem sua história contada a partir de outro solo, que não tem mais o sujeito por referência ou a vontade por faculdade. A partir de suas investigações temos um duplo deslocamento envolvendo o conceito e seu uso: o que não é uma *vontade de verdade*, como uma adjetivação, torna-se, agora, uma *vontade que busca* algo. Outra descoberta que podemos assinalar é que não mais o elemento da liberdade ligará vontade e verdade, na filosofia. Será, pois, a violência que fará essa conexão.

A vontade de verdade é identificada por Foucault como sistema de exclusão que ganhou novas formas, sofreu mutações com o passar dos tempos, mas não deixou de existir. Ela encontrou aporte e difusão na filosofia, porque funciona nesta de maneira mascarada; está presente ainda no saber científico, no estatuto jurídico e no discurso religioso. Dela se diz no plural.

Talvez, diagnosticar o teor da vontade de verdade, em Foucault, tenha mais proximidade com o conjunto das *formas* que a vontade de verdade movimenta, com as *técnicas* que empreende, com os *saberes* que cria, do que com a designação específica do conceito, enquanto definição estática, dada a diversidade de sua apreensão notamos ainda a multiplicidade de sua origem.

Referências Bibliográficas:

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. *Aulas sobre a vontade de saber: curso no Collège de France (1970-1971)*. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. *Microfísica do poder*. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999. (Biblioteca e filosofia das ciências, 7).

WOLFF, F. Foucault, l'ordre du discours et la vérité. In: MARQUES, E.; ROCHA, E. M.; LEVY, Lia; et al. (Orgs). *Verdade, conhecimento e ação. Ensaio em homenagem a Guido Antônio de Almeida e Raul Landim Filho*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.